



Adolfo Correia Rocha, que viria a ganhar renome literário nacional e internacional sob o nome de Miguel Torga, nasceu em 12 de Agosto de 1907 em São Martinho de Anta, concelho de Sabrosa. Foram seus pais Francisco Correia Rocha e Maria da Conceição de Barros, camponeses pobres.

Concluído o ensino primário em São Martinho de Anta, com um tal professor Botelho a que se refere em *A Criação do Mundo*, frequentou durante um ano o Seminário de Lamego, que abandonou por falta de vocação e contra a vontade paterna. A alternativa encontrada foi a partida para o Brasil, em 1920, ao cuidado de um tio abastado, proprietário da fazenda Santa Cruz, no Estado de Minas Gerais. Aí se ocupou das tarefas mais diversas relacionadas com a vida da fazenda, até que em 1925 regressa a Portugal. Conclui então o Curso dos Liceus e ingressou na Faculdade de Medicina de Coimbra, concluindo a formatura em 1933.

Regressa então fugazmente, no exercício da profissão de médico, a São Martinho de Anta, de onde passa a Vila Nova (Miranda do Corvo) e depois Leiria. Feita a especialização em otorrinolaringologia, casa em 1940 com Andréa Crabbé e no mesmo ano fixa-se em Coimbra, e é nessa cidade que vive o resto dos seus dias, com frequentes viagens em Portugal (com destaque para São Martinho de Anta, que é a sua matriz anímica e como tal sente necessidade de visitar regularmente) e ao estrangeiro. Faleceu em Coimbra, em 17 de Janeiro de 1995, sendo sepultado no dia seguinte em São Martinho de Anta. À cabeceira da campa rasa foi plantada uma torga.





Poeta, diarista, ficcionista e dramaturgo de excepcional qualidade, Miguel Torga é um dos maiores vultos da literatura portuguesa de sempre, aliás internacionalmente reconhecido e premiado. Tendo começado como poeta inserido no grupo modernista da Presença, não demora muitos anos a distanciar-se do movimento, chefiado por José Régio e João Gaspar Simões, e a seguir um caminho próprio, menos individualista e mais aberto aos problemas da Humanidade — a única via que convinha a um espírito visceralmente rebelde como era o seu. De facto, como escreve David Mourão-Ferreira, “a sua posição, nas nossas letras, continua a ser a de um grande isolado — que, no entanto (ou por isso mesmo) consubstancia e representa, ora de forma mais directa ora através de inevitáveis símbolos, quanto existe de viril, de vertical, de insubornável, no homem português contemporâneo.”

Após alguns livros de poemas, os primeiros dos quais assinados com o seu nome civil — Adolfo Rocha — e dos três primeiros volumes da sua autobiografia romanceada, intitulada A Criação do Mundo, segue-se, entre 1940 e 1943, uma série de três livros de contos absolutamente magistrais: Bichos (1940); Montanha (1941), a partir da segunda edição Contos da Montanha; e Novos Contos da Montanha (1943). Escreveu sempre, até próximo do final, tendo deixado, além das já citadas, obras importantes como por exemplo o romance Vindima (1945), as peças Mar e Terra Firme (ambas de 1941), os livros de poemas Cântico do Homem (1950), Orfeu Rebelde (1958) e Poemas Ibéricos (1965), o roteiro Portugal (1950) e sobretudo os dezasseis volumes do Diário (primeiro volume em 1941, último — o décimo-sexto — em 1993), um registo muito pessoal da mundividência e da mundivivência de Torga, entremeado de belíssimos poemas.

O seu comprometimento com o destino do homem, decorrente de um “humanismo essencial e consequente” (ainda nas palavras de David Mourão-Ferreira), valeu-lhe dissabores vários, como a prisão, a censura e a apreensão de obras suas pela PIDE. Mas, mesmo na hora da libertação do país, em 1974, Torga manteve-se íntegro (inteiro, como ele gostava de dizer) e afastado da política partidária, em que não se revia, recusando totalitarismos e demagogias e proclamando sempre os valores da liberdade e da solidariedade.



Miguel Torga foi distinguido com diversos prémios de grande relevância, como o Prémio Internacional da XII Bienal de Poesia de Knokke-Heist (Bélgica, 1976), o Prémio Morgado de Mateus (1980), o Prémio Camões, o mais importante do mundo da lusofonia (1989), o Prémio Vida Literária da APE (1992), o Prémio Écureuil de Literatura Estrangeira do Salão do Livro de Bordéus (1992) e outros.

* * *

Contrariamente ao que acontece com alguns outros escritores evocados neste ciclo, na obra de Miguel Torga não é difícil encontrar referências a Vila Real.

Por um lado, aqui visitava com alguma regularidade alguns amigos e companheiros dos tempos de Coimbra, alguns dos quais haviam compartilhado com ele a residência na República Estrela do Norte, como os Drs. Sampaio e Melo, Armando Alves Machado, João Meneres Campos e António Santos.

Por outro lado, circunstâncias diversas da sua vida particular traziam-no com alguma frequência a Vila Real.

De muitos desses momentos ficaram apontamentos aqui e ali na sua obra, nos contos, mas sobretudo em diversos volumes do Diário e em A Criação do Mundo, narrativa autobiográfica por excelência.

A título de exemplo, recordamos alguns desses apontamentos:

A compra pelo pai de um cavaquinho no Bazar dos Três Vinténs.

A partida para o Brasil, antecedida por uma malga de tripas numa tasca de Vila Real, na companhia do pai.





O encontro no Jardim da Carreira, perto do busto de Camilo, em 1939, com a futura mulher, a quem, no ano seguinte, guiou na visita à cidade.

A importância atribuída ao Santuário de Panóias.

O Fojo do Lobo e tantos outros percursos camilianos vila-realenses.

A aldeia de Agarez, que esconde, em A Criação do Mundo, o nome de São Martinho de Anta.